



DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA –  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**ANA PAULA SANTOS DE ARAÚJO FERREIRA**

**A REVISTA NOVA ESCOLA ABORDA  
O PRECONCEITO LINGUÍSTICO?**

**PICUÍ- PB**

**2016**



DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA –  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**ANA PAULA SANTOS DE ARAÚJO FERREIRA**

**A REVISTA NOVA ESCOLA ABORDA  
O PRECONCEITO LINGUÍSTICO?**

Artigo apresentado como requisito  
parcial para a conclusão do Curso de  
Licenciatura em Letras a Distância.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Janylle Rebouças  
Ouverney-King

**PICUÍ- PB  
2016**

**FOLHA DE APROVAÇÃO****ANA PAULA SANTOS DE ARAÚJO FERREIRA****A REVISTA NOVA ESCOLA ABORDA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO?**

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

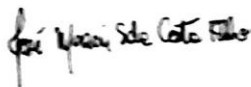
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Janylle Rebouças Ouverney-King

Aprovado em 21 de outubro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Janylle Rebouças Ouverney-King - IFPB



---

Examinador: Prof.<sup>o</sup> Dr. José Moacir Soares da Costa Filho – IFPB



---

Examinador: Prof.<sup>o</sup> Dr. Neilson Alves de Medeiros – IFPB

**PICUÍ- PB****2016**

*Dedico esse trabalho à minha família que tanto acredita em mim, ao meu esposo que sempre me apoiou e ao meu filho, para que possa lhe servir de exemplo e motivação.*

## AGRADECIMENTOS

Trilhar esse caminho não foi nada fácil, mas, sonhar e poder realizar meus sonhos são sensações prazerosas e inesquecíveis que me acompanharão durante toda minha vida. Agradeço primeiramente a Deus por tornar esse sonho possível, a minha família que sempre me apoiou e acreditou em mim, ao meu esposo pela força e paciência e ao meu filho, que por muitas vezes não lhe dei a atenção merecida. Agradeço também, as minhas amigas e colegas de curso Rita Ferreira, Josefa Robervânia, Maria Jeane e Rayonara Medeiros, as mesmas serviram como mola propulsora para meu empenho com o curso, sem elas não chegaria até aqui. Agradeço em especial as minhas irmãs Aline Santos e Alana Santos, por cuidar do meu filho nas horas que tive que me ausentar, por esse amor maternal que dedicaram ao meu filho, muito obrigada. Não posso esquecer-me de agradecer a minha orientadora a prof<sup>a</sup> Dra. Janylle Rebouças Ouverney-King, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e, principalmente, pelo incentivo e atenção que dedicou a minha pessoa.

Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo.

Marcos Bagno

## **RESUMO**

O presente artigo constitui-se de uma análise da abordagem da Revista Nova Escola (RNE), especificamente da seção “sala de aula”, acerca da abordagem ou não do preconceito linguístico que permeia o ambiente escolar, bem como a observação das estratégias dos docentes em relação ao combate e (ou) conscientização de que essa prática não é adequada. Partindo dessa premissa e observando o preconceito linguístico que permeia nosso meio social e educacional, analisamos o corpus da RNE, pesquisando na seção “sala de aula” (SE) e de que forma a revista aborda temáticas relacionadas à prática e à conscientização do preconceito linguístico. Alguns teóricos como Marcos Bagno (2002, 2007, 2009 e 2010), Stella Bortoni-Ricardo (2005), Farias (1999) nos auxiliam nessa trilha. Analisamos individualmente cada exemplar, verificando na seção “sala de aula”, se havia algum trabalho sobre o preconceito linguístico. Buscamos também, opiniões de grandes teóricos que versam sobre o estudo da língua para enriquecer nossa pesquisa. Com a nossa pesquisa constatamos que a abordagem quase não existe, abrindo uma lacuna em relação ao tema em estudo, uma vez que sabemos que a RNE serve de suporte para muitos professores, necessitando assim, ampliar sua abordagem acerca do preconceito linguístico. Portanto, verificamos que a revista necessita direcionar suas matérias para esse tópico socialmente relevante, para que os professores recebam apoio técnico e social quando tiverem que lidar com tais questões dentro e fora de sala de aula.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Preconceito linguístico. Revista Nova Escola. Norma culta.

## **ABSTRACT**

The following paper draws on analyzing how the magazine Nova Escola approaches linguistic discrimination, especially in the magazine's section "Sala de aula", as well as observing strategies to lower or to optimize such social practice. Based on this and while observing the linguistic discrimination that surrounds society, we felt the need to analyse the magazine's approach in order to see whether and how the magazine focus on the theme. Marcos Bagno (2002, 2007, 2009 e 2010), Stella (2005) and Farias (1999) guide us through this analytical process. We have found out that there is barely any approach towards linguistic discrimination, which leaves a gap in relation to such learning and teaching processes, especially because the magazine serves as support to several teaching professionals. Therefore, we verified that the magazine needs to address this socially relevant topic on its issues so that teachers receive a better technical and social support while dealing with these matters in and outside their classrooms.

**Keywords:** Linguistic discrimination. Nova Escola magazine. Standard language.



## SUMÁRIO

Introdução-----	1
Métodos e práticas-----	3
Pesquisa-----	3
O preconceito linguístico e o ensino da língua-----	4
O preconceito linguístico aos olhos da sociedade-----	9
A revista Nova Escola VS Preconceito linguístico-----	11
Considerações finais-----	18
Referências-----	19

## INTRODUÇÃO

Aprender a se comunicar trata-se de um ato necessário e indispensável aos seres humanos. Definir a forma de falar não é tarefa comum a todos, na verdade, nem pode ser, todavia podemos aceitar algumas orientações sobre a forma de expressão da fala, se vier dos mediadores do conhecimento, os professores, por serem mais capacitados com o ensino da língua, e além de tudo devemos respeitar sempre os limites, fatores sociais e culturais, o conhecimento de mundo que cada ser humano possui em sua essência e também a situação comunicativa em que o falante está inserido.

É típico de alguns seres humanos corrigirem atos ou ações que pareçam, supostamente, errôneas, e não é diferente quando nos deparamos com certos tipos de pessoas que acreditam ser capacitadas e no direito de corrigir a forma que outras, não usuárias da língua padrão, utilizam para se comunicar. Essa é uma atitude que pode ser categorizada como preconceito linguístico. Partindo dessa prática, que denota discordância em relação às normas, às convenções sociais e à diversidade linguística, daí, surgiu a necessidade de analisarmos como a Revista Nova Escola (RNE) pode conscientizar os usuários e os mediadores do ensino da língua a respeitar a diversidade linguística que tanto nos rodeia.

Observando o preconceito linguístico que permeia nosso meio social e educacional, sentimos a necessidade de analisar se há uma abordagem da temática por parte da RNE que faz um trabalho intenso e respeitado na mídia com enfoque educacional. Nesse sentido, o presente artigo analisa o corpus da RNE, bem como se está havendo algum trabalho com as variações linguísticas, averiguando se a revista está promovendo algum trabalho em relação ao tema em estudo.

Sabendo que a língua é dinâmica e totalmente mutável, sentimos a necessidade de explicar que variações linguísticas se fazem presentes no nosso dia a dia, bem como a sociedade, por muitas vezes, pode agir de forma preconceituosa quando o assunto é diversidade linguística. Buscamos investigar se há uma abordagem pela RNE sobre o assunto, visando assim, averiguar até que ponto podemos usar a revista como material complementar em trabalhos sobre a temática em estudo, levando em consideração todo o processo e preconceito que se enfrenta diante das diferentes linguagens regionais e culturais que encontramos no âmbito escolar.

Percebe-se que o preconceito linguístico é visto constantemente em todos os lugares, tendo como vítimas os falantes do português não padrão que, na maioria das

vezes, são pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, moradores de comunidades e favelas ou moradores da zona rural, ou seja, pessoas que estão sujeitas às variações linguísticas relacionadas à região, status social, escolaridade, fatores culturais entre outros, também representam influência na forma como as pessoas comunicam-se entre si e como tal comunicação será compreendida no ato comunicativo.

Sendo a revista um suporte textual de comunicação, que visa difundir informações ao leitor sobre os distintos temas que envolve o âmbito educacional, cabe a ela a disseminação da abordagem sobre as variedades linguísticas presentes em determinados grupos ou classes sociais e potenciais, bem como sugestões de atividades e aproximações entre grupos de forma a reduzir situações de dissabores dentro e fora de sala de aula.

A RNE é um suporte informativo de periodicidade mensal, criada em Março de 1986 pela Fundação Victor Cívita. Sua iniciativa surgiu de um sonho pessoal, sonho esse em que Victor Cívita idealizava contribuir com os professores brasileiros na árdua tarefa de educar. Depois de duas tentativas de criar uma revista que servisse de base ou suporte para o âmbito educacional, finalmente ele conseguiu. Victor Cívita teve sucesso com o lançamento da revista que traz uma roupagem totalmente educacional e parece contribuir de maneira direta com o trabalho dos professores dentro e fora da sala de aula. A RNE é voltada para professores e gestores com função social informativa e colaborativa, ao corroborar as práticas socioeducativas destinadas à sala de aula ou uma extensão da mesma.

Escolhemos a RNE como objeto de estudo por conhecer sua gama de conhecimento no tocante a assuntos educacionais, acreditando que em seu contexto de edições publicadas atualmente, ou anteriormente, traz à tona para seus leitores a diversidade cultural e social da linguagem que engloba a nossa sociedade e o ambiente educacional, dessa forma, podemos verificar o acontecimento, ou não, do preconceito linguístico no âmbito escolar, visando assim entender também de forma sucinta como os docentes estão lidando com essas possíveis situações e quais estratégias estão propondo para que alunos e professores compreendam as diferentes variações que a língua sofre.

Sabendo a dada importância que a revista carrega, resolvemos realizar um trabalho de análise e identificar até que ponto esse suporte está exercendo seu papel social na educação. Olhando por esse viés o linguista Marcos Bagno acredita que

o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos

instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (BAGNO, 2002, p. 13).

Bagno (2002) leva-nos a uma reflexão sobre a forma como a informação midiática dissemina o preconceito linguístico ainda mais, trazendo em algumas ocasiões a variação linguística como instrumento de piadas, ou até mesmo de suporte para embasar a forma “ errada” de falar. Podemos constatar situações constrangedoras nos programas de humor, as piadas na maioria das vezes, sempre estão ligadas a forma de falar das pessoas com pouca escolaridade ou de regiões nordestinas.

Para tanto, ao realizarmos esse estudo pretendemos observar se a RNE está difundindo ainda mais o preconceito linguístico ou refutando a suposta prática do mesmo. Buscamos com essa breve pesquisa averiguar se e de que forma a RNE está exercendo sua função social no meio educacional, no tocante ao ensino e proliferação da língua. Para realizar a análise, vamos analisar o corpus de oitenta revistas da Nova Escola, bem como buscar embasamento teórico para confirmar as hipóteses que formulamos.

## **MÉTODOS E PRÁTICAS**

A presente pesquisa foi desenvolvida pelo método estudo de caso de caráter analítico, com base nas análises que desenvolvemos nos oitenta exemplares da RNE, no período de seis meses.

Para essa pesquisa, realizamos um levantamento de dados e análise, mais precisamente da seção “sala de aula”, e utilizamos também, livros teóricos voltados para a área da Linguística e Sociolinguística, trabalhos acadêmicos que versam sobre a abordagem da língua como objeto de interação social e, por fim, utilizamos algumas dependências físicas e computador interligado em rede para a consulta em sítios de bibliotecas acadêmicas virtuais visando ampliar ainda mais nossos achados. Assim, fundamentamos a metodologia acima mencionada de cunho qualitativo, nas análises, levantamento de dados e nos teóricos que embasam essa pesquisa, para que assim, pudéssemos comprovar ou não as hipóteses formuladas.

## **PESQUISA**

Para realizar nossa pesquisa, analisamos oitenta exemplares entre impressos e advindo do meio digital, no período de seis meses, para nos situarmos em que seção iríamos encontrar o material que estamos estudando, quando delimitamos a seção a que direcionaríamos nossa análise, buscamos controvérsias acerca do tema em estudo (preconceito linguístico) dentro do *corpus* em análise, encontramos uma seção denominada “*Em dia*”, escrita em tirinhas do personagem Calvin, porém a linguagem empregada na tirinha não apresenta marcas de oralidade evidentes, vemos que o escritor optou por escolher aquelas que já são bem aceitas pela sociedade no vocabulário atual, deixando de lado a abordagem coloquial que as tirinhas, geralmente, são escritas. Encontrar essa seção só constatou ainda mais a nossa hipótese de que a variação linguística entre os indivíduos não é bem vista, uma vez que esse gênero, geralmente, agrega linguagem coloquial e popular, e não uma linguagem propriamente padrão.

O recolhimento do corpus que embasa esta pesquisa teve início em Março de 2016 e fim em Julho de 2016. Iniciamos nossa pesquisa averiguando e analisando o *corpus* em estudo, a RNE, recolhemos exemplares de várias edições diferentes, dos anos de 2000(1), 2002(1), 2010(5), 2011(5), 2012(3), 2013(10), 2014(10) e 2015(10), totalizando assim, em quarenta e cinco exemplares impressos. A análise da revista em formato digital teve início em Maio de 2016 e fim em Julho de 2016, compreendendo as edições de 2013 a 2016, sendo trinta e cinco exemplares da revista digital, ao final analisamos oitenta exemplares da RNE dentre impressos e digital.

## **O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E O ENSINO DA LÍNGUA**

Percebemos o quanto o ensino da língua está estereotipado como seguir a gramática tradicional, e a partir da nossa análise, vamos sucintamente observar também se os professores estão moldando os alunos a seguirem impreterivelmente a norma padrão para comunicar-se.

Fazemos uso da linguagem durante toda nossa vida, seja através do seu modo oral, escrito ou até mesmo visual, utilizando-a para nos conectarmos ao mundo, interagir com os seres e tornarmo-nos assim, seres sociáveis. Diante as vivências e bagagem cultural de cada indivíduo, até que ponto podemos considerar o uso da norma padrão para interagirmos? Stella Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) fala que

No caso brasileiro, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão. ( BORTONI-RICARDO 2005, p. 15).

Percebemos nesse posicionamento de Bortoni-Ricardo (2005) que ainda falta aos alunos o respeito aos fatores culturais e linguísticos, e, a partir dessa premissa, ensinar de forma eficiente e consciente a língua padrão ao educando.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) considera também que a “escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”. Vemos na citação acima, que o aluno pode falar a mesma coisa de várias maneiras, sem que o não uso da língua padrão atrapalhe na comunicação, como por exemplo: a palavra *pão* diverge dentre as regiões do nosso país a forma como se fala e se escreve:

- ✓ Na Baixada Santista, em São Paulo, os paulistas chamam o pão francês de *média*.
- ✓ Em Ribeirão Preto, também no estado paulista, peça pelo *filão* ao comprar pão francês nas padarias.
- ✓ Na capital do estado de São Paulo, por sua vez, *pãozinho* é o nome dado ao pão francês.
- ✓ No Ceará, *carioquinha*.
- ✓ No Rio Grande do Sul, *cassetinho*.
- ✓ Em Sergipe, *pão jacó*.
- ✓ Por fim, no Pará dá-se o nome de *pão careca* ao pão francês.
- ✓ Há, ainda, uma nomenclatura curiosa para o tipo de pão que se pede em São Luiz, no Maranhão. Lá, o pão sovado chama-se *massa fina* e o pão francês, *massa grossa*.

Constatamos aqui o quanto a nossa língua sofre variações, nos exemplos citados acima apontamos para questões regionais, exemplificando que a mesma palavra é falada e escrita de diversas formas em meio às diversas regiões do nosso país, e que, mesmo assim não deixamos de compreender que em todas as regiões estamos falando simplesmente de *pão francês*, como conhecemos aqui no Nordeste.

Diante do exposto vemos que a linguagem deixa de ser só uma expressão do pensamento para tornar-se uma forma de interação sociocultural, envolvendo desta

forma em seu processo um locutor e um interlocutor, ou mais participantes, pois só assim será possível estabelecer a comunicação. Assim, observamos a dada importância que carregam os docentes no ensino da língua, devendo assim, cada professor, saber ensinar cuidadosamente, mediando seu conhecimento para os alunos, e assim, ensinar sem cometer prática alguma de preconceito linguístico.

Vemos diariamente um certo embate no tocante a comunicação, pois muitos indivíduos não respeitam a forma de falar das pessoas, acreditando que os indivíduos devem falar de acordo com os estilos formais da língua, praticando assim o preconceito linguístico, algumas vezes até sem perceber. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1997, p. 31), traz uma seguinte afirmação acerca do preconceito linguístico:

(...) há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação as falas dialetais devem ser enfrentados, na escola, como parte do objetivo mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (PCNs 1997, p. 31)

O trabalho com gêneros textuais são pré-estabelecidos e preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1997), que os incentiva a partir do Ensino Fundamental II e Médio, tendo em vista que todos os textos se manifestam através dos gêneros textuais.

Diante de nossas vivências cotidianas, temos contato constante com diversos tipos de texto, que nos vêm através de informações, sejam elas de variados tipos, porém, no contexto escolar esse contato se faz mais presente, e assim, necessitamos do conhecimento sobre os diversos tipos de gêneros textuais para compreender e construir o sentido dos textos. Assim, "a escola deve dar espaço ao máximo possível de manifestações linguísticas, concretizadas no maior número possível de gêneros textuais e de variedades de língua" (BAGNO, 2010, p. 157). Percebemos na fala de Bagno que a escola deve abrir um leque de possibilidades para que seus alunos tornem-se capacitados a entender e compreender os diversos tipos de textos que os cercam.

Os gêneros textuais contribuem de forma direta com o ensino da língua, uma vez que sabemos que os gêneros se definem como as diversas formas de linguagem que os indivíduos empregam nos textos, sejam elas formais ou informais. Assim, entendemos

quão importantes tornam-se para a proliferação do ensino da língua galgado em respeito e conscientização dos limites e conhecimento de mundo que cada um possui. Portanto, vemos que os gêneros textuais têm importância fundamental para o ensino da língua, uma vez que entendemos que o trabalho com os gêneros em sala de aula propicia o contato dos alunos com a língua em uso.

Entendemos que a língua é o meio de interação mais preciso que temos, sendo ela responsável pelo processo interacional entre os indivíduos, cabe a eles, saberem utilizá-la. Assim, percebemos a dada importância que tem o respeito à diversidade linguística, como o linguista Bagno (2009) defende que falar correto não é falar de acordo a norma padrão, mas sim, de acordo com os valores culturais que cada indivíduo carrega consigo. Observando o posicionamento de Bagno em relação ao modo de falar do indivíduo, notamos quão importante é a variação linguística no meio social, chegando a refletir também no processo identitário dos indivíduos. Podemos refletir também sobre o posicionamento de Bortoni-Ricardo (2005) acerca desse assunto, a linguista afirma que

Desde que as sociedades humanas começaram a dar-se conta da variação linguística interindividual e intraindividual – as pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira -, muito se tem especulado sobre essa questão e muita pesquisa sistemática tem sido desenvolvida em torno dela (BORTONI-RICARDO, 2005 p.175).

A partir da afirmação de Bortoni-Ricardo (2005), percebemos que cada indivíduo possui a capacidade de comunicar-se sem a necessidade do uso frequente da língua padrão, entendemos também, que, os usuários da língua sabem muito bem intercalar sua forma de falar de acordo com o contexto e a ocasião que se encontram no dado momento da comunicação. Analisando o exposto acima, podemos refletir também sobre a seguinte afirmação: “a fala está intimamente ligada as estruturas sociais promovendo assim a interação humana com o mundo” (BAKHTIN 2004, .p.79). Percebemos que Bakhtin acredita que, mesmo o indivíduo estando no ambiente educacional ele carrega consigo fatores sociais que podem também, influenciar no seu modo de falar.

Diante desse cenário, os professores de Língua Portuguesa têm a competência de ensinar seus alunos a aprender os estilos informais e formais da língua oral e escrita. Porém, em hipótese alguma é aceitável um posicionamento como detentores do saber, devendo sim, ensinar a forma padrão do uso da língua tanto oral como escrita, mas, sempre respeitando os fatores culturais, sociais e contextuais que o aluno se insere. Vale



salientar que não se deve deixar para trás toda a bagagem que o aluno possui antes de iniciar sua vida escolar, e entender que o ensino escolar é de suma importância, mas ele parte da premissa de tudo que o aluno aprendeu e vai aprender no seu meio de convivência familiar, para assim, conectar seus conhecimentos de base familiar com os conhecimentos de base escolar.

Farias (1999), nos leva a uma breve e intensa reflexão a respeito da postura do professor no ensino da língua, vejamos a seguir:

“**Aluno:** Ei, tia, faz um carralu? **Professor:** Carralu não tem, não. Tem cavalo”(BORTONI-RICARDO 2005 apud FARIAS 1999). Assim, percebemos na citação acima a prática inconsciente do professor em corrigir simultaneamente o “erro” do aluno, sem buscar entender quais fatores influenciaram na sua forma de falar.

Sendo assim, são perceptíveis as diversidades linguísticas que encontramos dentro do âmbito escolar, mas como propõe Bagno (2007), cabe ao docente ensiná-los a entender, compreender e aprender os estilos formais e informais da língua, respeitando seus limites, os fatores que influenciam tal linguagem e o conhecimento de mundo de cada aluno.

Assim como Celso Pedro Luft (2002) não se opõe ao ensino da gramática, percebemos a dada importância que o ensino da língua carrega, porém, um ensino regrado às normas padrões não impõe ou substitui as marcas culturais, regionais ou sociais que cada indivíduo carrega, acarretando assim, nas diferentes formas de falar. Luft (2002) expressa uma grande preocupação com o ensino da língua materna nas escolas, pensando na visão preocupante de que, ensinar uma língua é ensinar a escrever “certo”, enxergando ele a forma impactante e estereotipada que se faz do ensino da língua, uma forma mecânica de falar e não de se estabelecer a comunicação entre seus usuários. Para ele, é importante que desenvolvamos em nossos alunos espírito crítico, para que os mesmos possam discernir entre linguagem padrão e não padrão seja ela falada ou escrita, fazendo assim, o seu uso corretamente. Luft (1998) acredita que

É natural, óbvio e forçoso, que a escola vise a língua culta; o aluno maneja todo o dia. Mas não se pode esquecer o princípio da unidade na variedade linguística. Os diversos dialetos não são mais que faces da mesma língua. Todas as variedades da língua são valores positivos. Não será negando-as, perseguindo-as, humilhando quem as usa, que se fará um trabalho produtivo no ensino. ( LUFT, 1998 p. 69).

Luft (1998 p. 69), ao trazer suas opiniões sobre o ensino da língua, espera que “se obtenha, lenta e laboriosamente, a formação de cidadãos livres. Senhores de sua linguagem”. Ele expressa um desejo de que haja um ensino escolar de Língua

Portuguesa, verdadeiro, comprometido com a formação cidadã e crítica do aluno. Um ensino valorizando a nossa língua materna, que leve em consideração as várias formas de expressão por meio dela, sem discriminá-la ou torná-la um código inacessível ao aluno. Pensando nesse viés, a nossa pesquisa alça passos mais largos, analisando se a RNE dissemina as questões relacionadas ao ensino da língua em seu corpus, visando assim, proliferar o respeito à diversidade linguística que nos cerca, buscando explicar sucintamente as variações que a língua sofre. Enfim, observamos o quanto é indispensável para a sociedade que o indivíduo saiba se expressar de acordo com os padrões linguísticos exigem, e que, se por algum fator evidente em sua vida o levar a se expressar a sua maneira, infelizmente deve estar preparado para enfrentar o preconceito social que ainda se faz presente no contexto atual em que vivemos.

## **O PRECONCEITO LINGUÍSTICO AOS OLHOS DA SOCIEDADE**

Entendemos que o preconceito linguístico significa a intolerância de muitas pessoas em relação ao modo de falar das outras, assim percebemos o quanto a prática do preconceito linguístico se faz presente em todo lugar diferenciando-se apenas do indivíduo, lugar e situação. Bagno (1999, p. 89) traz no seu mito de número oito, o questionamento que “o domínio da norma padrão é um instrumento de ascensão social”, mas, o próprio linguista nos leva a refletir que se realmente essa afirmação fosse verdadeira, os professores de Língua Portuguesa ocupariam o topo da sociedade, o que na realidade é bem diferente.

O linguista Marcos Bagno dedica grande parte de seu tempo nas suas pesquisas linguísticas e lança um embate a favor do respeito à diversidade e variação linguística, tentando desfazer a ideia preconceituosa que permeia a nossa sociedade brasileira, e muitos acham que falar correto é falar de acordo com a gramática normativa, desrespeitando assim as origens culturais e regionais das pessoas.

Conforme Bagno (2002, p. 9), “existe uma regra de ouro da Linguística que diz: “só existe língua se houver seres humanos que a falem”. Assim, o linguista abre um leque de possibilidades acerca do uso da língua, uma vez que afirma que se não houvesse os seres humanos para fazer uso da mesma ela nem existiria, daí surge a necessidade do respeito a diversidade linguística existente em todo território brasileiro. Segundo Bagno (2003, p. 16) “O preconceito linguístico não existe, o que existe, de fato, é um profundo e estranhado preconceito social”.

A partir da fala de Bagno, vemos a tamanha influência que os fatores sociais e culturais exercem sobre o uso da fala nos indivíduos, entendemos também que de certa forma a sociedade não quer (ou não sabe) respeitar o modo que os usuários da língua não padrão comunicam-se entre si. Até quando vamos fazer parte de uma sociedade detentora do saber? Que se sente no direito de interferir nas ações que não compactuam com os seus ideais? Não devemos de forma alguma deixar que nenhum indivíduo sintasse no direito de exigir de nós outra maneira de falar, pois como Bagno (2009) fala “o falante é o melhor gramático que existe”, sendo assim, o linguista defende que cada ser humano possui conhecimento intuitivo próprio, e mesmo que não utilize expressões padrões para falar, ele estabelece a comunicação entre os falantes.

Segundo Mollica,

[...] Os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva ou negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social. Outros indicadores são igualmente responsáveis pela colocação ou exclusão social dos indivíduos[...]" (MOLLICA 2007,P.30).

Mollica (2007) reafirma o nosso posicionamento a respeito da sociedade, que ao invés de conscientizar e respeitar a forma que as pessoas se comunicam, proliferam e incutem a exclusão social de muitas pessoas por não se enquadrarem no uso da norma padrão para falar. Bortoloni-Ricardo (2005, p. 14) nos fala que “ os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua”, entendemos diante dessa fala que grande parte da sociedade exclui de forma vergonhosa pessoas que não fazem parte do seu contexto social. Bortoloni-Ricardo (2005, p. 15) complementa ainda que “a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela a distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades”. Assim, comprovamos ainda mais o quanto vale o que o ser humano tem e não o que o ser humano é. Para a sociedade o padrão de vida das pessoas têm mais importância que sua bagagem cultural, influenciando assim no seu modo de lidar com as pessoas. Porém, jamais vamos ligar uma posição social à forma de falar que as pessoas utilizam.

No entanto, nossa pesquisa trouxe à tona a confirmação das nossas hipóteses, a revista faz uma abordagem abstrata e sucinta, fato não esperado por nós. Por confiar no trabalho da RNE, estávamos certos de que iríamos nos deparar com um trabalho relevante acerca do tema em estudo, uma vez que sabemos que a revista serve de elo comunicativo para difundir e disseminar os aspectos ligados às variações linguísticas. Constatamos que a revista não faz um trabalho instigante conscientizando seus leitores sobre o preconceito que permeia a vasta gama social do nosso país, sendo a escola o

instrumento de conscientização sobre esses métodos. Sendo assim, é cabível a sua análise, pois se trata de um suporte informativo de grande importância para a nosso sistema educacional.

## **A REVISTA NOVA ESCOLA VS PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Entendemos que cada indivíduo possui sua forma própria de falar, assim, mesmo que muitos tenham uma formação acadêmica, ainda assim têm sua forma pessoal de se expressar, portanto, devemos sempre respeitar a forma que cada indivíduo usa para se comunicar, mesmo que não seja moldada as normas padrão que regem nossa língua. Acerca do domínio da língua, Bagno (2002, p. 64), afirma que:

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta (BAGNO, 2002, p. 64).

Como vemos na fala de Bagno, se falar de acordo com a norma padrão indicasse o nível social que o indivíduo pertence, os docentes ocupariam o topo da sociedade. Porém, percebemos que a realidade que configura o nosso contexto é outra, assim, constatamos que usar a língua padrão não é indicativo social, mas sim fruto da necessidade de se adequar a várias situações e em muitos casos, também pode ser uma opção pessoal do indivíduo.

A RNE traz em algumas (pouquíssimas) de suas edições explicações que visam concomitantemente esclarecer as variações que a língua sofre, visando assim romper com a prática do preconceito linguístico no ambiente escolar. Especificamente na edição de Maio de 1999. Nessa edição, o redator da revista analisa as considerações de Bagno (2002) acerca dos mitos preconceituosos:

O autor do livro descreve a existência de um círculo vicioso de preconceito linguístico composto de três elementos: o ensino tradicional, a gramática tradicional e os livros didáticos. Na visão de Bagno, isso não funciona assim, "a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores, fechando o círculo, recorrem à gramática tradicional como de fonte de concepções e teorias sobre a língua". "A maneira como o ensino é administrado tem sido estudada pelo Ministério da Educação e nos Parâmetros curriculares nacionais" reconhece que há "muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, é objeto de avaliação negativa". (REVISTA NOVA ESCOLA, MAIO DE 1999).

Observamos que a revista abordou de forma mais intensa a questão do preconceito linguístico, trazendo em uma de suas seções um fragmento do livro de Bagno (2002), que defende vigorosamente a vivacidade da língua, denunciando e esclarecendo os mitos consagrados pelo autor como piores, pois em muitos casos, não passam de mera ignorância, simplesmente os indivíduos se acham no direito de criticar as pessoas por sua forma de falar desconsiderando sua bagagem cultural e até mesmo seu conhecimento de mundo. Assim, a partir das colocações de Bagno o redator enfatiza ainda mais sua opinião sobre o preconceito linguístico expressando que:

Diz-se que o “brasileiro não sabe Português” e que “Português é muito difícil”. Estes são alguns dos mitos que compõem um preconceito muito presente na cultura brasileira: o linguístico. Tudo por causa da confusão que se faz entre língua e gramática normativa (que não é a língua, mas só uma descrição parcial dela). Separe uma coisa da outra com este livro, que é um achado.

(REVISTA NOVA ESCOLA, Ed. MAIO DE 1999).

Na citação acima, percebemos que a revista tenta justificar o preconceito linguístico como uma confusão que as pessoas fazem com o uso da gramática normativa. Priorizar o ensino gramatical não significa ensinar a língua propriamente dita, mas sim, ensinar a língua vestida em sua forma padrão, para que o indivíduo possa fazer uso da mesma quando necessitar. Bagno (1999, p.56), nos fala que

Quando o estudo da gramática surgiu, no entanto, na antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas consideradas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Alias a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever” (BAGNO 1999, p.56).

Vemos nas palavras do linguista que a gramática desde a antiguidade traz a função de ensinar a escrever de acordo com as normas, para que as pessoas possam comunicar-se formalmente em situações e ambientes necessários, algumas pessoas fazem uso da gramática para falar bonito. A RNE, em sua reportagem de Maio de 1999, aborda o preconceito linguístico como uma confusão que se faz com a língua e a gramática, levando a entender que a sociedade acredita que se deve falar de acordo com a norma padrão que a gramática normativa ensina, deixando para trás o conhecimento de mundo de cada indivíduo. Vemos que Bagno nos fala sobre a elegância de escrever bonito, porém a RNE dá a entender em sua reportagem que acredita se tornar confuso estereotipar a língua como “certa e errada”, e que essa confusão só acontece devido o uso da gramática.

Encontramos outra reportagem sobre o preconceito linguístico em um dos exemplares de formato digital, lá abriram uma janelinha para mostrar sob um viés real a prática do preconceito linguístico no ambiente escolar, contando sobre a infeliz experiência que uma aluna passou, relatando que:

“Sou filha de empregada doméstica e cresci ouvindo minha mãe, que tinha baixa escolaridade, falar. Quando ingressei na escola, estranhei a forma como as pessoas falavam. Era muito diferente da minha. Então, procurava ficar quieta, pois tinha medo de ser corrigida pela professora”. Essa é uma narrativa de uma estudante do curso de Pedagogia que me fez refletir sobre o preconceito linguístico dentro da escola, sobre o sofrimento e exclusão das crianças quando submetidas à avaliação equivocada da linguagem “certa” e a “errada”.

(REVISTA NOVA ESCOLA, MAIO 2016)

Além do relato descrito acima, podemos constatar visualmente a imagem (fictícia) atrelada à reportagem, nos permitindo refletir sobre o tema em análise, e o quão impactante ele pode ser na vida do ser humano, as intensas marcas que o preconceito pode causar e quão doloroso nos parece ser, para quem sente na pele esse ato desrespeitoso.

Figura 01: Foto que retrata a prática do preconceito linguístico nas escolas



Fonte: Revista Nova Escola, ed. Maio de 2016.

Observamos com o depoimento e a imagem (fictícia), que os alunos ainda se sentem afugentados dentro de sala, reprimindo-se na ideia de que o âmbito escolar remete à comunicação padrão, e, que, dentro de sala ninguém pode falar à sua maneira, mas sim, moldar sua linguagem aos estilos formais que os professores ensinam. Vemos que a imagem retrata muito bem situações que são corriqueiras do ambiente escolar, porém, nos leva a refletir não só como professores, mas como humanos também, a dar mais atenção às nossas crianças, cumprindo com o nosso papel de conscientizar nossos alunos a respeitar as diversidades linguísticas que tanto nos rodeiam, e, se, percebermos alguma ação preconceituosa devemos tentar ajudar de alguma forma, seja a suposta vítima ou o suposto praticante do ato preconceituoso.

Ao analisarmos a imagem (fictícia) que retrata primorosamente a prática do preconceito linguístico, estabelecemos um comparativo entre a imagem e o depoimento da aluna, fica explícita a falta de respeito com as suas origens, a mesma traz em seu depoimento que “cresceu ouvindo sua mãe falar, e ao ingressar no universo escolar achou estranho a forma como seus colegas falavam”, a imagem nos mostra que os colegas dela também estranharam a sua maneira de falar, só que eles não respeitaram a colega e começaram a praticar o preconceito linguístico com mesma, vemos também que por trás da sua forma de falar existe sua história de vida.

A imagem que foi utilizada na reportagem serve como fio condutor para impactar ainda mais os alunos e professores a refletir sobre esse tipo de preconceito, sabemos que na maioria das situações os praticantes do preconceito não se situam as suas ações, e geralmente praticam o preconceito sem perceber, acreditando se tratar de uma simples brincadeira de colegas, sem analisar os males que pode causar na vida das pessoas que sofrem com o preconceito.

A RNE, ao trazer esse depoimento difundiu sucintamente uma conscientização dos professores acerca da maneira de ensinar a língua aos seus alunos, trazendo em sua matéria sobre o tema estudado, um relato pessoal, uma vez que torna-se mais intenso e marcante para seus leitores, tendo em vista que o relato da aluna se trata de um fato bem corriqueiro para alguns estudantes, já que algumas vezes encontramos diariamente no ambiente escolar, situações idênticas à essa. Dessa forma, a conscientização se dá de uma maneira mais direta e propagada, já que a RNE serve de suporte de ensino na maioria das escolas. A RNE complementa ainda sua matéria na tentativa de suscitar em seus leitores uma reflexão sobre as práticas cotidianas de cada um, visando promover o respeito à diversidade, discursando que “precisamos superar práticas

pedagógicas que, muitas vezes, amordaçam os alunos e ridicularizam suas linguagens, em um apagamento intencional de suas heranças biográficas” (Revista Nova Escola, 2016). Assim, como falamos mais acima, o ensino das normas gramaticais é necessário, porém, sem influenciar no conhecimento de mundo de cada aluno.

Nessa abordagem sobre o preconceito linguístico constatamos que pelo menos, a Revista não se omitiu integralmente, abordou a temática do preconceito linguístico de forma real, trazendo um relato pessoal, para que assim, fique claro que a prática do preconceito linguístico acontece diariamente nas escolas, e que, não se trata só de suposições, mas sim da realidade, em suas duras formas.

Para tanto, constatar que a RNE trabalha pouco e sucintamente o preconceito linguístico em suas matérias foi impactante, visto que a revista se encontra nesse ramo há exatamente trinta anos. Ao analisarmos os diversos exemplares impressos e digitais notamos que o *corpus* analisado quase nada abordava sobre o preconceito linguístico, trazendo a temática de forma sucinta e fragmentada. Essa comprovação chamou um pouco nossa atenção já que a RNE carrega em seu nome uma gama de conhecimento nas diversas áreas da educação, tendo a função de analisar de forma transversal e interdisciplinar esse tema que se faz presente no cotidiano dos indivíduos, mais precisamente no âmbito escolar.

Scherre (2005) apresenta reflexões em torno de exemplos de preconceito linguístico na mídia impressa brasileira entre 1993 e 2003. Afirma ela que:

[...] Estudos linguísticos de fenômenos estigmatizados podem ter, portanto, como consequência imediata, a possibilidade de evidenciar que o certo considerado inerente, em termos de linguagem, não tem razão de ser (por mais óbvio que isto possa parecer). Certo é tudo o que está conforme as regras ou princípios de um determinado grupo dentro dos limites do próprio grupo [...] (SCHERRE, 2005, p.18).

Observa-se a forma como a maioria das mídias desrespeita as marcas culturais e regionais que cada indivíduo constrói e carrega consigo, dando a entender que veem de forma errônea o modo como grande parte das pessoas comunicam-se, já que muitos falam de acordo com o que ouvem e aprendem durante toda vida. A linguagem informal que as pessoas usam para se comunicar, muitas vezes serve de piada em algumas mídias, que, ao invés de conscientizar para o respeito à diversidade linguística incute nas pessoas o desejo de ridicularizar as pessoas que se comunicam através de uma linguagem moldada aos seus conhecimentos de mundo e sua bagagem cultural.



Quando analisamos os impressos da RNE encontramos uma seção que trabalha através de tirinhas, porém, nas tirinhas analisadas só encontramos expressões que já são bem aceitas no vocabulário atual.

Figura 02: Charges para análise da linguagem empregada pela RNE em seu corpus



Fonte: Revista Nova Escola, ed.

Esse fato chamou um pouco nossa atenção, já que esse gênero textual geralmente usa mais a linguagem informal, sem a necessidade do uso da norma padrão. A revista traz em seu corpus a seção “*Em Dia*” com tirinhas de Calvin, tratando sempre de assuntos atuais, porém, essa abordagem é feita utilizando uma linguagem um pouco formal. Normalmente as tirinhas servem para informar de maneira objetiva e podemos dizer, divertida também. Assim, essa seção poderia servir também para abordar o preconceito linguístico, uma vez que a prática do mesmo acontece frequentemente em todo meio social, seria uma maneira descontraída de trabalhar a temática. Em algumas

das tirinhas até aparece uma palavra ou outra da linguagem informal, mas a linguagem formal é usada com maior intensidade.

A partir dessa análise percebemos que a versão impressa da RNE pouco ou nada traz em suas reportagens sobre o preconceito linguístico no âmbito escolar, abrindo várias lacunas no trabalho que a revista faz sobre a educação, uma vez que entendemos que tal temática em estudo é de fácil compreensão, podendo ser trabalhada de forma interdisciplinar, abrangendo várias áreas do saber e outros campos de estudo. A RNE poderia trazer essa temática através das disciplinas de Geografia e História também, não é necessário que se trabalhe só a partir da Língua Portuguesa, já que as disciplinas conversam entre si, pode-se abordar de forma interdisciplinar e transversal, ficaria ainda mais interessante.

Ao analisarmos a seção “sala de aula”, nos oitenta exemplares da Revista Nova Escola, no período de Março à Julho de 2016, observamos que a abordagem até acontece, porém de forma muito sucinta, com matérias bem despercebidas e fragmentadas. Só encontramos duas matérias, uma trazendo e fazendo um breve comentário sobre os mitos do livro de Bagno e outra mais relevante, descrevendo um relato pessoal de uma aluna que sofreu preconceito linguístico na escola.

Vemos que faltou um olhar mais atento da revista para essa temática, sem o dado valor que deveria ser depositado na temática em estudo, sem uma conscientização e ainda mais, sem ajudar ou até mesmo, direcionar os professores a realizar uma conscientização nesse campo. Para realizar um trabalho nesse viés, enquanto a prática interdisciplinar e também transversal deve haver nessa seção “sala de aula”, uma abordagem desse nível, que proporcione aos professores das diversas áreas a realização de um trabalho coletivo e instigante, falta também sugestões de temas da RNE sobre o preconceito linguístico, para que assim os docentes possam propagar através do ensino o exercício da cidadania e aguçar a criticidade dos alunos.

Durante a análise, percebemos o quanto os docentes não se dizem contra a variação da norma-padrão da língua portuguesa, no entanto afirmam que o papel da escola é ensinar aos discentes a norma-padrão, não os obrigando a segui-la rigorosamente. Vemos assim que os estilos formais da língua estão sendo ensinados, porém, os discentes podem utilizar a linguagem informal para comunicar-se sem causar danos ao seu aprendizado, uma vez que os mesmos possuem seus próprios dialetos ao se comunicar.

Entendemos, com isso, que os docentes buscam corrigir seus alunos diante do uso da variação, ou seja, os mesmos não são contra, mas buscam ensinar seus alunos o uso do português-padrão, visto que a variação linguística é o modo em que a língua diferencia a cultura das diversas regiões de um modo sistemático e coerente, que irá variar do contexto histórico, geográfico e também cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da ideia de que falar correto não é necessariamente falar de forma culta, realizamos a nossa pesquisa na área da Linguística e Sociolinguística, visando encontrar respostas para nossas hipóteses, assim conseguimos entender de que forma o tema em estudo foi trabalhado pela RNE, considerando os limites de cada um e os fatores que influenciam no uso de uma dada língua. Através dos nossos estudos, chegamos à conclusão de que pouco ou nada se aborda em relação à prática, otimização ou, até mesmo, refutação do preconceito linguístico. Nossa pesquisa se deu na análise do *corpus* escolhido e nas reflexões de teóricos que estudam o preconceito linguístico.

Ao realizar a análise do *corpus*, mais precisamente da seção “sala de aula”, observamos que está sendo feito um trabalho bem instigante em relação à leitura, à produção dos gêneros textuais, dentre outros temas, porém, a abordagem sobre o ensino ou uso da língua em seu contexto mais diverso em termos de região, escolaridade, gênero e posicionamento social é, praticamente, inexistente pela Revista. Ao analisar os oitenta exemplares impressos e de formato digital de Março à Julho de 2016, só encontramos duas reportagens que tratam do assunto.

A partir das análises dos dados coletados nos deparamos com um suporte informativo regado da linguagem padrão, deixando-nos assim um pouco desapontados com tal resultado, uma vez que buscamos na seção “sala de aula” um conteúdo que contribua e dissemine um ensino genuinamente adequado aos seus falantes, sem imposições ou detenções do saber por parte dos docentes.

Nas análises, vimos que de certa maneira a RNE está fazendo um trabalho brilhante no tocante a proliferação de uma linguagem padrão e bem falada, porém, está esquecendo-se de abordar e trazer à tona as diversidades linguísticas que nos rodeiam, fazendo uso de um trabalho educacional midiático voltado à utilização da língua padrão para se comunicar, deixando um abismo gritante entre o ensino da língua e o respeito à diversidade linguística.

Durante toda a pesquisa, acreditávamos que encontraríamos mais material para embasar nosso trabalho, no entanto, nos deparamos com um resultado inferior ao idealizado. Averiguamos que há uma abordagem sim, porém bem sucinta e fragmentada acerca do preconceito linguístico que permeia não só o âmbito escolar, mas todo meio social que estamos inseridos.

Assim, ficamos preocupados, por conhecer a dada importância que a RNE tem no meio educacional. No entanto, estamos cientes de que esse diagnóstico aponta para a necessidade de conscientização por parte da comunidade escolar, mais precisamente do professor de Língua Portuguesa, que tem maior, não toda, competência de ensinar seus alunos sobre as diversas formas de falar que encontramos em nosso dia a dia e requisitar também, enquanto ator do processo de ensino e aprendizagem, que a revista seja mais presente nessa área do conhecimento, uma vez que vivemos em um país com tamanha diversidade de gênero, cultural, social e linguística. Sendo a RNE um suporte informativo, analisamos de que forma e (se) está exercendo sua função social e promovendo assim uma reação da redação da RNE para lançar um olhar mais atento acerca do preconceito linguístico e assim, desenvolver um trabalho instigante para que os professores sintam-se aguçados a promover o respeito à diversidade linguística entre seus alunos e o meio social que está inserido.

Enfim, deixamos aqui um pontapé inicial para dar continuidade a essa pesquisa em nossos trabalhos futuros, como por exemplo, intensificar essa pesquisa transformando esse pequeno artigo em uma dissertação de mestrado, com intuito de pesquisar de forma mais intensa o preconceito linguístico que surge a partir do desrespeito as variações que a língua sofre, realizando uma conscientização entre docentes e discentes em relação ao respeito à diversidade linguística, cultural e social que envolve o indivíduo.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico: O que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

----- . A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

----- . *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, editorial, 2009.

----- . *Nada na Língua é Por Acaso* – SP, Parábola, 2007.

----- . *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. 5. ed. Loyola: São Paulo, 2010.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.) *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. Vieira. 11 ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

BLOG, Certo Sabor. **Pães, os diferentes nomes em cada região do Brasil**. Disponível em: <http://www.certosabor.com.br/blog/nomes-de-paes-pelo-brasil/>. Acesso em: 03 Out. 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris, 1945 - *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação/ Stella Maris Bortoni-Ricardo*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARIAS, F. N. de A. (1999). “*As formas de falar*” da escola e do aluno no processo interativo: uma perspectiva sociolinguística. Dissertação (Mestrado). Teresina: UFP.

LUFT, Celso Pedro. Ensino e Aprendizado da Língua Materna. São Paulo: Globo, 2007.

----- . Língua e Liberdade. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Fala, Letramento e Inclusão Social. CONTEXTO, SÃO PAULO, 2007.

SCHERRE, M.M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.